

Televisão e cultura local: o Arte Nativa e as representações de Imperatriz¹

Television and local culture: the Arte Nativa and the representations of Imperatriz

Alan Milhomem da Silva

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar a representação da cultura de Imperatriz no Programa Arte Nativa, veiculado nos anos de 1987, 1988 e 1989 na antiga TV Imperatriz, atual TV Mirante. Utilizou-se do método de análise de conteúdo para identificar como a cultura era representada no programa e como isso ajudou no processo de construção da identidade local. Com base nos estudos sócio-antropológicos de cultura, identidade e comunicação, foram destacados os processos de mediação da televisão na construção/reforço das identidades locais. Constatou-se que o Arte Nativa é resultado do momento cultural vivenciado pela cidade na década de 1980. O programa se configurou como um espaço para a projeção dos artistas locais e da cultura de Imperatriz, reforçando elementos que fazem parte das identidades características da cidade, como a de um lugar marcado pela religiosidade, pela diversidade de pessoas e voltada para o Rio Tocantins.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Televisão. Programa Arte Nativa. Imperatriz.

Abstract

The paper aims to analyze the representation of the culture of Imperatriz in the Programa Arte Nativa, published in the years 1987, 1988 and 1989 in the former TV Imperatriz, now TV Mirante. The content analysis method was used to identify how the culture was represented in the program and how it helped in the process of building the local identity. Based on the socio-anthropological studies of culture, identity and communication, the mediation processes of television in the construction/reinforcement of local identities were highlighted. It was verified that the Arte Nativa is a result of the cultural moment experienced by the city in the 1980s. The program was configured as a space for the projection of local artists and the culture of Imperatriz, reinforcing elements that are part of the characteristic identities of the city, like that of a place marked by religiosity, by the diversity of people and facing the Rio Tocantins.

Keywords: Culture. Identity. TV. Programa Arte Nativa. Imperatriz.

1 Introdução

A mídia local apresenta uma forma mais eficiente de se aproximar das regiões, do público e suas identidades. E quando essa mídia é a televisão, a ligação é ainda mais forte, principalmente, pelo alcance do veículo, que está em 95,1%² dos lares brasileiros, e dos recursos utilizados por ela para fidelizar esse público, como a edição, o trunfo da imagem, os

¹ Este trabalho foi elaborado a partir de dados coletados para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: Televisão e Cultura Local: a construção da identidade cultural de Imperatriz no Programa Arte Nativa. A monografia foi apresentada ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (Campus de Imperatriz) em dezembro de 2013. Este artigo é resultado da mescla de informações apresentadas na monografia e de informações inéditas que não foram incluídas no TCC.

² Segundo dados do Censo do IBGE 2010.

programas de entretenimento, os jornalísticos e as representações dos pontos de identificação das comunidades. A televisão traz para o público uma informação mais rápida, além de influenciar na vida das pessoas. No Brasil, esse veículo surgiu como um fornecedor de código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros (BUCCI, 1996). E por sua íntima afinidade com a emoção, a TV possui um potencial de mobilização afetiva inigualável, segundo Rezende (2000).

Diante do exposto, esse trabalho visa identificar como a mídia televisiva representa a cultura de Imperatriz, a partir da análise do Programa Arte Nativa. Busca-se também caracterizar os elementos que a televisão usa para estabelecer o sentimento de pertença dos indivíduos à cultura que é representada por meio do programa analisado. Procura-se aqui contribuir para uma reflexão e documentação da produção televisiva e sua importância na construção da identidade e na representação da cultura de Imperatriz.

O Programa Arte Nativa foi veiculado na TV Imperatriz no fim da década de 80, mais precisamente nos anos de 1987, 1988 e 1989. O programa era exibido aos domingos entre às 10h e 11h, com duração total de meia hora, incluindo os intervalos comerciais. O Arte Nativa exibia em cada edição um artista da terra, que apresentava sua vida e obra, intercalando entrevistas com apresentações dos artistas, na sua maioria cantores e compositores. O programa era gravado em várias partes da cidade e até em municípios vizinhos, mostrando à comunidade as referências culturais da cidade e dando visibilidade aos artistas locais.

Foi realizada uma pesquisa documental no arquivo do TV Mirante para levantar as edições do programa para estudo. Como método de pesquisa, trabalhou-se com a Análise de Conteúdo (AC), que permite reconstruir visões, valores, opiniões, preconceitos e estereótipos veiculados nos meios de comunicação e compará-los com a configuração sociocultural da comunidade em que é produzido tal produto comunicacional (HERSCOVITZ, 2008). Também foram realizadas entrevistas com três pessoas que atuaram no programa: o cinegrafista Joaquim Marcos, o operador de VT, hoje cinegrafista, Raimundo Besserra, e o cantor Zeca Tocantins. Também foi realizada uma entrevista com arquivista da TV Mirante Margareth Valente. As entrevistas foram semiestruturadas apoiadas em um roteiro previamente elaborado, que serviu de eixo orientador dos diálogos com os entrevistados.

Por fim, a pesquisa foi balizada pelos estudos sócio-antropológicos sobre cultura e identidade, reunidos no ramo teórico da Comunicação denominado Estudos Culturais, bem como pelas reflexões sobre a televisão e a representação da cultura. Este estudo objetiva colaborar com as reflexões sobre a cultura e a identidade de Imperatriz, além do processo de mediação desenvolvido pela televisão na representação/reforço das identidades locais,

contribuindo assim para um aprofundamento dos estudos sobre a mídia imperatrizense, em especial a televisão.

2 Discutindo cultura e identidade

Estudar a cultura é buscar entender a realidade vivenciada por uma sociedade e os sentidos que fazem para os que a vivem, entendendo assim o meio em que se está inserido e, em alguns casos, busca-se entendimento até para a própria existência pela complexidade do conceito de cultura. E quando se alia esse estudo aos de identidade, as investigações tendem para a compreensão de quem são as pessoas, como se identificam e como isso é representado em uma determinada sociedade.

A preocupação com o conceito de cultura não é de agora. Esse questionamento já foi feito há muito tempo, de outra forma é claro, mas com objetivo semelhante: entender a diversidade cultural existente entre os diferentes povos que habitam a Terra. Dessa preocupação, e com o desenvolvimento da Ciência, a cultura, até então entendida como diversidade no modo de comportamento dos povos, começou a evocar interesses de várias áreas do conhecimento, como a História, a Biologia, a Economia, entre outras. Mas quem carregou essa preocupação como objeto de estudo foram a Sociologia e a Antropologia.

Mais recentemente, a Comunicação também tem se preocupado com a cultura. Em cada campo do saber o conceito é trabalhado com diferentes enfoques e usos. Isso é possível, principalmente, porque a cultura engloba os diferentes campos da vida cotidiana, assim como a palavra “cultura” tem sido utilizada em substituição a outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (COUCHE, 2002, p. 203).

A complexa distinção em relação à cultura se dá pelo próprio desenvolvimento histórico do termo. A palavra é de raiz semântica do termo *colore*, que se tornou, em latim, o termo cultura, significando habitar, proteger, honrar, cultivar (WILLIAMS, 2007, p. 117). Até o século XVI, o termo cultura era empregado mais relacionado à agricultura, ao cuidado com os animais e colheita. De acordo com Couche (2002) e Williams (2007), foram nos séculos XVIII e XIX que se consolidou a utilização figurada da palavra cultura nos meios intelectuais e artísticos. É a partir desse período, também, que o termo passa a ter sentidos distintos em países como a França e a Alemanha.

Na França o termo foi empregado no sentido de espírito cultivado pela instrução, ou como coloca Couche (2002, p. 21) “cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo da história”. Para o autor, a concepção francesa de cultura como característica do gênero humano deu origem ao

conceito universalista. Com relação à concepção alemã, cultura é “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerada como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (COUCHE, 2002, p. 39). Essa visão deu origem ao conceito particularista de cultura.

O primeiro a formular o conceito etnológico de cultura foi Edward Tylor (1832 - 1917). O autor, influenciado pela Teoria Evolucionista, acreditava que todas as sociedades evoluiriam do estado da vida selvagem, para a bárbara e chegaria à civilizada, que era o estágio europeu. O autor também rompeu com o determinismo biológico e não acreditava que a cultura era impressa hereditariamente na mente humana. Para Tylor, cultura é “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871, p.1 *apud* LARAIA, 2007, p. 25).

São vários os conceitos de cultura desenvolvidos ao longo da história, e não existe um conceito abrangente que engloba todas as visões e definições de cultura, além de não ter um conceito sem controvérsia. De acordo com Williams (1979), a partir de 1960, cultura passou a adquirir um novo caráter e a ser mais plural, pois desde então não se fala mais em cultura, mas as culturas. O conceito proposto por Williams articula língua, literatura e ideologia. O autor encara cultura como força produtiva essencial para a “produção de nós mesmos e de nossas sociedades”. Para Williams, cultura significa “um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores [...]” (WILLIAMS, 1979, p.113).

São esses princípios e essa concepção abrangente de cultura que fundamentam os Estudos Culturais, que segundo Hall (1980 *apud* MOTA, 2008. p. 57), não é uma disciplina, mas é uma área na qual diferentes disciplinas atuam em busca de respostas para os aspectos da cultura na sociedade, comprometidas com a mudança e a transformação social. É essa concepção abrangente de cultura que será adotada neste trabalho. Atualmente, o foco dos Estudos Culturais está se voltando para Comunicação como campo para a pesquisa cultural e para a reflexão sobre a constituição das identidades sociais no mundo globalizado. Para compreender melhor esse processo é necessária uma discussão sobre o conceito e a formação da identidade, bem como da influência dos meios de comunicação nesse processo. Este é o assunto do próximo tópico.

3 Identidade cultural em cena: uma breve discussão

Nas discussões sobre a sociedade e o indivíduo várias questões sempre vêm à tona, pois entender o ser e a forma como ele vive e se organiza é preocupação que desafia os cientistas há muito tempo, mas uma questão que sempre aparece em destaque: “trata-se, sempre, da questão da identidade. De saber quem somos e como somos; de saber porque somos” (DAMATTA, 1986, p. 15). Nessa perspectiva, uma série de elementos e atributos são associados para, por meio deles, formar a identidade do indivíduo. É o modo de vestir, de comer, são as danças, os rituais, as crenças, os modos de ser... São esses e outros atributos que vão definir a identidade do indivíduo e a sua história.

Como afirma DaMatta (1986, p. 16) “cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de ‘coisas’ (e de experiência) para constituir-se como algo único, maravilhoso, divino e legal [...]”. De acordo com Stuart Hall (2006), os diversos movimentos que aconteceram nos séculos XVIII e XIX, como o Iluminismo, a Reforma, o Protestantismo e o Renascimento, além das mudanças na economia mundial, nas relações de trabalho e na política transformaram, não só o mundo, mas a concepção de indivíduo e, conseqüentemente, a de identidade. Esta passou a ser entendida não mais no singular, mas no plural, pois como diz Schüler e Bordini (2004, p. 11) “a cultura é sempre identitária, mas nenhuma identidade é feita de uma só peça”.

Assim, com essa nova era fala-se, agora, em identidades, pois o sujeito é construído historicamente podendo assumir diversas identificações ao longo do tempo, que às vezes chegam a ser até contraditórias. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]” (HALL, 2006, p. 12-13). As características da sociedade moderna, bem como do indivíduo, são a fluidez e as mudanças constantes. DaMatta afirma que “nenhuma identidade é fixa, imutável, permanente e dada numa essência, embora elas apareçam desse modo no senso comum [...]” (DAMATTA, 2004, p. 24-25). O autor destaca, ainda, a questão da representação e da cultura, a partir da qual se construiriam os significados e valores. Assim, a cultura influencia na identidade ao dar sentido à experiência e tornar viável a escolha dentre as diversas identidades possíveis, principalmente, pelas representadas nos meios de comunicação.

A cultura é composta por símbolos, representações e discursos, estes constroem “sentidos que influenciam e organizam as nossas ações e concepções de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50). Ainda de acordo com autor, é a partir das ações formadas por este discurso que se constroem as identidades. Os sentidos nele contido são advindos das histórias contadas sobre a nação e das imagens formadas pela articulação das memórias passadas e

presentes. Mas para que essa narrativa citada por Hall estabeleça esse elo e faça sentido aos membros que dela partilham, as representações devem fazer dos membros da sociedade sujeitos da cultura ali representada, utilizando artifícios, que no caso da televisão é o texto aliado a imagens, para fazer com que o telespectador se sinta parte, se reconheça. Pois como ressalta Hall (2006), nós não nascemos com a identidade, mas elas são formadas e transformadas no interior da representação.

Como forma de estabelecer esses laços de pertencimento e identificar os telespectadores com o que era veiculado no programa, o Arte Nativa, em vez de levar os artistas para um estúdio para apresentar seu trabalho, as entrevistas eram realizadas em lugares de referência para a comunidade local, como teatro, igreja, praias, entre outros. As músicas eram apresentadas em forma de clipe em que a história cantada pelo autor era reforçada com as imagens de diversos pontos da cidade exaltados nas canções, reforçando ainda mais a noção de imperatrizense e de pertencimento ao lugar para os telespectadores. E Hall cita Giddens (1990, p. 72) para corroborar a importância do lugar com referência para a identidade dos indivíduos: “o lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas”.

Além de referenciar o lugar, Woodward (2007) acrescenta outros dois fatores importantes para que a identidade adquira sentido: é a linguagem, aqui entendida como sistema de significação, e os sistemas simbólicos, pois “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior” (HALL, 1997 *apud* WOODWARD, 2007, p. 8). Ou seja, o que é anunciado por meio da linguagem de um determinado discurso produz pensamentos e ações para os sujeitos que fazem parte desse discurso ou é sujeitado por ele.

Outro ponto destacado pelos autores, principalmente nos estudos pós-estruturalistas, é que o sentido da identidade só se manifesta a partir da existência do outro, do diferente, isso porque a identidade é relacional e marcada por símbolos e pela diferença. Assim, identidade e diferença são resultados de um processo de produção simbólica e social. “A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”, (SILVA, 2007, p. 91).

Este conceito tem sido retomado pelos Estudos Culturais para explicar “a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentadas na tela” (WOODWARD, 2007, p. 18). Segundo Kehl (2004), esse processo de acreditar que a própria imagem esteja

sendo refletida na tela é a passagem da produção da identificação à da identidade. Mas Woodward (2007, p. 55) alerta que qualquer produção voltada para a cultura de uma determinada localidade só fará sentido se os discursos apresentados fizerem dos telespectadores, no caso da TV, como sujeitos dessa determinada prática, pois, “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”.

São esses elementos de identificação de uma localidade que a televisão usa para criar laços de pertencimento entre o público e o que é apresentado. São esses laços que permitem as pessoas se “ligarem”, pois “sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa comum” (SILVA, 2007, p. 85). Para construir esses laços, os meios de comunicação e a própria comunidade usam diversos elementos como a língua, o principal deles, símbolos nacionais, bandeiras, hinos, histórias populares que povoam o imaginário da comunidade, entre outros.

De acordo com Wolton (1996, p. 135), esse laço social significa o laço entre os indivíduos e as diferentes comunidades que constituem uma sociedade: “[...] a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade”. É esse laço social articulado discursivamente com os outros elementos supracitados que vai definir as identidades de uma determinada comunidade, pois como diz Hall (1995) identidade é o ponto de intersecção entre os discursos, práticas e os processos de subjetividades.

Esses pontos de apegos, como já apresentados aqui, são moldados pela interferência dos meios de comunicação, com certo destaque para a TV nesse processo, pois ao narrar à realidade de acordo com as características dos meios de comunicação constroem-se valores, forma mentalidades, interfere na identidade, reforça certos conceitos e pré-conceitos. Esse fato ocorre porque a representação feita pela mídia é uma prática que tem significados para as coisas, o mundo e, principalmente, as pessoas.

Portanto, os meios de comunicação, com destaque para televisão, são mais eficazes quando fornecem imagens com as quais os telespectadores possam se identificar: “A comunicação é percebida, em todo caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou têm direito de esperar, seus medos, suas esperanças” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 63). Ainda segundo o autor, na comunicação apenas não se reproduz ideologias, mas se faz e refaz a cultura, as narrativas e o imaginário coletivo.

Contudo, entende-se neste trabalho, a cultura como um conjunto de significados que integram as práticas sociais em um processo contínuo de formação de identidades (HALL,

2006) e a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 1999, p. 22). Para o autor, do ponto de vista sociológico, toda identidade é construída.

Portanto, as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8) e a comunicação, como na proposta de Martin-Barbero, uma questão de cultura e, portanto, de conhecimento e reconhecimento, pois a identidade individual ou coletiva está em constante construção.

4 A formação cultural de Imperatriz

A história de Imperatriz começou a ser traçada, pelo homem branco, no fim do século XVI e início do século XVII com o movimento bandeirante. Há relatos de historiadores de expedições desse movimento pela região. Nessa época, a localidade era habitada por três aldeias dos índios “Caracatigês”, uma das várias denominações dadas aos índios Krikati, povo da grande nação Timbira. Hoje, esses índios estão concentrados em aldeias no município de Montes Altos, distante 64 km de Imperatriz (BARROS, 1993).

A descoberta, pelos não-índios, do local que hoje se encontra a sede do município de Imperatriz começou, segundo relatos da historiadora Edelvira Barros (1993), com a partida de uma expedição de Belém, então capital-província do Grão-Pará, que tinha o objetivo de subir o Tocantins e fundar uma vila no limite entre a província do Grão Pará e do Maranhão e onde tivesse índios para catequizar. A missão era comandada por Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, que se aproximou da região em julho de 1852. “Então o padre subiu o barranco, foi às aldeias; viu os olhos d’águas, o campo e a mata. Gostou. [...] Era 16 de julho de 1852” (BARROS, 2012, p. 28-29). A povoação, segundo Franklin (2011, p. 67), foi denominada, oficialmente, pelo governo do Pará, de Povoação de Santa Tereza do Tocantins, “[...] depois passou a se chamar Vila Nova da Imperatriz, e, por fim, Imperatriz, em homenagem à esposa do imperador dom Pedro II”.

A cultura do novo lugar começou a se firmar sobre as bases rural e católica, características que permanecem até hoje. Com o crescimento da vila, os primeiros passos rumo ao desenvolvimento começaram, mas sem muito contato com a capital do estado, São Luís. O contato era mais forte com o extremo norte goiano (hoje Tocantins) e com o Pará. A cultura sertaneja caracterizava o lugarejo. Os mitos, também, povoavam o imaginário local. Nessa primeira fase da história de Imperatriz, até a última década do século XIX,

economicamente é chamada pelo historiador Adalberto Franklin (2011) de “Ciclo do Gado”, pois os moradores locais eram essencialmente de criadores de gado e se voltavam, apenas, para os cuidados com os animais e para a agricultura de subsistência. Na composição étnica, segundo Franklin, prevaleceu o homem pardo, mestiçado, poucos brancos, negros e indígenas.

No fim da década de 1890, Vila Nova da Imperatriz viveu outro momento. Com a descoberta da borracha em terras paraenses próximas e a valorização deste produto, o lugarejo recebeu muitos imigrantes, principalmente do interior do Estado. Apesar de continuar isolada do restante do Estado, a cidade teve um momento de esplendor na economia, chamado por Franklin (2011) de “Ciclo da Borracha”. Com o declínio da borracha, Marabá se voltou para a exploração da castanha-do-pará, árvore típica da região. Com a valorização da castanha no cenário internacional, começou um novo momento na economia local e que despertou o interesse de muita gente, e um novo fenômeno acontecia em Imperatriz, que se tornara cidade em 1924 e a principal parceira comercial da cidade paraense. O chamado “Ciclo da Castanha-do-Pará” entrou em crise entre as décadas de 30 e 40.

No início da década de 40 começaram a descobrir alguns garimpos na região, o que motivou a chegada de muita gente do Piauí, Bahia, Mato Grosso, Goiás, Pará e interior do Maranhão. A cidade viveu um novo momento, o “Ciclo do Ouro”, e voltou a ser o principal centro de abastecimento dos garimpos, chegando a comprometer o abastecimento da cidade na década de 50. Outro fator importante no desenvolvimento da cidade foi a construção da rodovia Belém-Brasília, conhecida também como rodovia da Integração Nacional e, depois, BR-010, que começou a ser construída em 1958. Imperatriz foi incluída no trajeto da nova estrada e passou a ser base da segunda frente de trabalho. (FRANKLIN, 2011)

O aspecto da cidade logo mudou, iniciava-se uma nova era na história de Imperatriz, que mudaria todo o seu destino até os dias atuais. Barros (2012) afirma que a cidade tem duas fases bem distintas: antes e depois da Belém-Brasília. Segundo Franklin (2011, p 98), a partir de 1958, a cidade recebia todos os dias dezenas de pessoas, a maioria nordestinos e, como a cidade não tinha abrigos para todos, as mangueiras da Rua 15 de Novembro se tornaram o abrigo para muitos. “Começava aí o maior processo de explosão demográfica experimentado por uma cidade em toda região, que se estenderia por mais duas décadas”.

A partir da década de 60 a cidade consolida-se como um novo polo econômico, é a vez do Ciclo do Arroz. A região de maior produção ficou conhecida como estrada do arroz. De acordo com Franklin (2011), o ciclo do arroz estendeu-se até a década de 1970 quando as fazendas de arroz foram substituídas pelas fazendas de gado, processo dado, muitas vezes, pelo uso da força da grilagem ou da pistolagem, o que garantiu à cidade o título de “capital da

pistolagem” devidos aos constantes conflitos e mortes registradas na região. Os anos 1960, 1970 e 1980 foram décadas marcadas por intensos conflitos entre posseiros, grileiros, trabalhadores rurais e proprietários de terras na cidade, Região Tocantina e Araguaia.

E foi assim que a cidade de Imperatriz foi formada, com um perfil propriamente de cidade entreposto, recebendo influências de múltiplas culturas que chegaram com as ondas de fluxo migratório vivenciadas durante os vários ciclos econômicos. E, partindo desse ponto, é importante analisar os fenômenos culturais e os significados de formas simbólicas, assim como são produzidos, transmitidos e recebidos por um povo e como influenciam na formação da identidade cultural. Isso porque a cultura é codificada e pertence a um contexto, no qual os indivíduos a que ela pertencem atribuem significados.

Ao discutir identidade cultural numa cidade entre-lugar como Imperatriz, vale destacar os processos de hibridação apresentados por Canclini (2003). De acordo com o autor, a história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência. Assim, Imperatriz se caracteriza como uma cidade com forte influência religiosa, principalmente, da Igreja Católica Romana. Os festejos em hora aos santos católicos ainda hoje movimentam a cidade. Além disso, a cidade é uma fronteira geográfica ligada ao Tocantins e ao Sul do Pará e recebeu imigrantes de outros estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

5 O Arte Nativa e o discurso televisual das identidades imperatrizenses

O Arte Nativa foi produzido e veiculado na antiga TV Imperatriz, hoje TV Mirante, no fim da década de 1980, mais precisamente nos anos de 87, 88 e 89. O programa era veiculado aos domingos, com tempo de duração de meia hora, e entrava no ar no horário entre 10h e 11h, com algumas variações nesse intervalo de tempo. Como a emissora não sabe ao certo quantas edições foram veiculadas, esta pesquisa analisou nove programas, sendo sete deles completos e dois incompletos, pois não foi possível recuperar a edição inteira. Para a composição desse corpus, o critério foi exclusivamente as edições digitalizadas, pois a leitura e digitalização do material analógico no qual o Arte Nativa foi gravado necessita de uma máquina específica, que na época da elaboração deste trabalho não tinha em Imperatriz.

Comandado por Luís Brasília, o programa foi criado em outubro de 1987 e apresentava as manifestações culturais de Imperatriz. Mesmo com um foco nas produções musicais, poetas, escritores e artesãos também tiveram espaço no semanal. O Arte Nativa era constituído basicamente por uma entrevista intercalada com apresentações do artista do dia. O

programa era constituído de quatro blocos. A vinheta de abertura tinha 16 segundos, e o tempo total do programa variava em torno de 30 minutos, incluindo os intervalos comerciais. Os blocos tinham tempo de duração variável, geralmente, os dois primeiros ficavam entre cinco e seis minutos, o terceiro e o quarto ficavam entre sete e oito minutos de duração, em média. Segundo Raimundo Beserra, “o programa revolucionou. Olha que em 87, 88 e início de 89 um programa desse aí, aqui eu ainda não vi”³.

A abertura e o primeiro bloco eram conectados sem intervalos comerciais, mas a marcação do fim de uma parte e o início de outra se dava pela apresentação de vinheta de abertura. No primeiro bloco, o apresentador sempre falava um pouco da atração convidada e do que seria mostrado no programa. E na tentativa de reafirmar a cidade como um celeiro cultural, uma frase era dita com frequência: “Vamos acompanhar o artista tal e toda sua arte ativa”, mostrando que cidade tinha e vivia uma cultura movimentada.

A base do Arte Nativa era musical, mas sempre intercalado com entrevistas, pequenas encenações, reflexões sobre a cultura local, declamações e apresentações de manifestações tradicionais. Durante o programa, o entrevistado falava da vida pessoal, trajetória profissional, além de apresentar seus trabalhos. Com uma produção e edição inovadora para a época, o programa recebeu até elogios de produtores da Rede Globo. Na primeira edição, o apresentador, produtor e editor-chefe do Arte Nativa, Luís Brasília, deixou claro qual era a intenção do programa. “O programa Arte Nativa, que se propõe a divulgar, valorizar o artista da terra [...] Bem pessoal, a intenção, como foi dito no começo, é essa, mostrar o exercício da arte praticada pelos valores aqui da terra”⁴.

O Arte Nativa apresentava os artistas, locais ou não, em diversos pontos de Imperatriz e lugares vizinhos. A entrevista com o artista era intercalada com algumas interpretações do convidado. O programa tinha tanta expressão que, segundo o cinegrafista Joaquim Marcos⁵, até o Som Brasil⁶ chegou a citar o programa local. Os lugares apresentados eram todos de referência para o público local, como o Rio Tocantins, a rodovia Belém-Brasília, o Calçadão, a Catedral de Nossa Senhora de Fátima, entre outros lugares que reforçavam a identificação da cidade, mostrando que o local apresentado era de fato de Imperatriz. Ação que reforça os

³ BESERRA, Raimundo. Cinegrafista da TV Mirante Imperatriz. Imperatriz. Entrevista concedida em 28 de novembro de 2011.

⁴ Luís Brasília na abertura e no encerramento da primeira edição do Arte Nativa.

⁵ MARCOS, Joaquim. Cinegrafista. Imperatriz. Entrevista concedida em 30 de novembro de 2013.

⁶ O Som Brasil era um programa da Rede Globo dedicado à música regional brasileira e marcou as manhãs de domingo durante a década de 1980. Concebido pelo cantor Rolando Boldrin inicialmente para ser veiculado no rádio, Som Brasil estreou na Globo, em 1981, com o objetivo de divulgar a música brasileira de inspiração regional. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/som-brasil-1981/formato.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

pontos de identificação da cidade, lugares em que são realizadas várias práticas sociais, estando assim a identidade local ligada a eles. É no interior das representações desses pontos que as identidades são formadas e transformadas, como já ressaltado neste trabalho.

As edições aqui estudadas foram agrupadas na Tabela 1, que apresenta um panorama geral do objeto analisado, além de apresentar alguns dos traços da identidade cultural de Imperatriz que eram apresentados no programa.

Tabela 1 – Edições do Arte Nativa que compõem o corpus de análise deste trabalho.

PROGRAMAS	CENÁRIOS	CONTEÚDOS
Carlinhos Veloz (cantor e compositor) - primeiro programa veiculado.	Faber / Casa do artista / Rio Tocantins / Praça / Bar com amigos.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dia-a-dia do cantor ➤ Relação com a família ➤ Inspiração para músicas ➤ Discussão sobre música regional, cultura imperatrizense e relação com a cidade e com o rio Tocantins.
Henrique Guimarães (cantor e compositor) -Segundo programa que foi ao ar.	Faber / Residência do artista / Rio Tocantins / Bar / Praça	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dia-a-dia do cantor ➤ Relação com a família ➤ Inspiração para músicas ➤ Discussão sobre música regional, identidade cultural da cidade. ➤ Relação com a cidade e o Rio Tocantins.
Zeca Tocantins (poeta, cantor e compositor) -Terceiro programa veiculado.	Faber / Residência do artista / Rio Tocantins / Praça de Fátima / Calçadão	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dia-a-dia do cantor ➤ Discussão sobre a identidade local ➤ Relação com a cidade e com o rio.
Selim Galhães e (cantor e compositor)	Faber / BR-010 / Calçadão / Rodoviária	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Vida de estradeiro e caminhador ➤ Misticismo ➤ Reflexões sobre fé e Deus
Carlos Alberto e (cantor e compositor)	Faber / Casa do artista / Igreja / Mata / Bar	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Relação com a família ➤ Discussão sobre a música romântica e sobre fé ➤ Integração com os artistas locais ➤ Influências locais
Aciole Bastos (poeta e artesão)	Cidade de Amarante / Igreja Católica / Zona rural / Riachos / Quebradeiras de coco	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conversa com família sobre a infância do artista ➤ O gosto pela terra natal e relação com a comunidade. ➤ Folclore ➤ Festas de Reisado, do Divino e Dos Benditos. ➤ Brincadeiras de roda ➤ Produção alternativa do artista
Jorge Tadeu e (cantor e compositor)	Residência / Riachos / Rio Tocantins	<ul style="list-style-type: none"> ➤ História de vida ➤ Relação com os artistas maranhenses
Alemberg Quindins e Roseane Limaverde (cantores e compositores)	Rio Tocantins / Zona rural / Teatro	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Discutindo a pesquisa realizada pela dupla. ➤ Relação entre lendas e o trabalho da dupla. ➤ Misticismo ➤ Lenda de Estreito ➤ Participação em festivais
Maestro Oliveira (pianista)	Sala com piano e um teclado	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Três blocos, cada um com uma música diferente.

Fonte: Elaboração do autor.

A tabela permite visualizar que alguns elementos da cultura local apareceram com frequência nas edições do Arte Nativa, como a exaltação do Rio Tocantins, as características rurais da cidade, os elementos religiosos, a BR-010 como local de chegada e despedida de pessoas à cidade, entre outros. Apesar de trazer lugares e convidados diferentes para cada edição, o programa tinha uma linha comum de entrevistas intercaladas com músicas e reforço desses pontos como elementos que caracterizam a cidade.

Além da tabela apresentada, o programa foi dividido em quatro categorias para análise: a abertura, o apresentador, os convidados e os cenários. As categorias analisadas não possuem fronteiras rígidas, pois é a mescla de elementos dessas categorias que configuram os significados do programa. Com relação à vinheta de abertura, esta tinha duração de 16 segundos e a música de fundo era um toque de violão, que já introduzia o programa, pois, na sua essência, o Arte Nativa apresentou artistas que usavam o violão para cantar a cidade, suas belezas, encantos e sua gente. A abertura começa em um pequeno ponto que vai crescendo e tomando toda a tela, fato que se pode relacionar com a história de Imperatriz, que começou como uma pequena povoação e aos poucos foi crescendo e, no fim da década de 1980, período em que foi veiculado o programa, a cidade já era a segunda maior do Maranhão e se destacava na Região Nordeste.

A vinheta também contava com um pôr-do-sol no Rio Tocantins, apontando para a cidade que se volta para o rio e para os artistas que encontram nessa beleza natural a fonte de inspiração para as produções artísticas. Representando a diversidade de povos e as várias manifestações culturais que marcam a cidade, a vinheta de abertura termina com a parte superior do violão e blocos coloridos ao fundo, o que pode denotar a importância do instrumento musical no meio artístico local e utilização dele no cantar da diversidade que marca Imperatriz. Uma abertura toda pautada em imagens do rio e de um violão também induz o quê o programa será em sua essência.

Luís Bezerra da Silva, mais conhecido como Luís Brasília, era o apresentador e aparecia sempre após a vinheta de abertura com uma introdução do programa. Atuante na cidade como jornalista e produtor cultural, Luís Brasília criou, produziu, dirigiu e apresentou o programa Arte Nativa. Ele teve grande atuação no cenário cultural imperatrizense, sempre junto aos movimentos artísticos, à Academia Imperatrizense de Letras e ao poder público. Segundo os entrevistados para esta pesquisa, o programa tinha a cara de Luís Brasília, que tinha carta branca da direção da empresa para produzir

o Arte Nativa.

Pelo conhecimento na área cultural e pela ligação com os movimentos culturais da cidade, Luís ganhou autoridade e credibilidade para comandar o programa e fazer essa relação de mediação com o telespectador. Durante todo o programa, o apresentador mostrava intimidade com os artistas, sempre visitando suas casas e conversando com as famílias, com um diálogo sempre amistoso, de companheirismo, de parceria e, em boa parte do programa, Luís Brasília aparecia como um verdadeiro expectador e apreciador da produção cultural de Imperatriz, sempre com muita criatividade, pois “tudo que ele via ele transformava isso em bela arte, que só ele sabia. Era impressionante como ele via uma coisa simples e dali ele tornava uma coisa bela, bonita⁷”.

No Arte Nativa, Luís Brasília recebeu diversos artistas da música regional e local, como exemplificado na Tabela 1. Sempre amistoso, o apresentador demonstrava respeito e admiração pelos convidados, além de conhecimento da obra dos que ele apresentava. Esse relacionamento entre apresentadores e convidados, como destaca Lisboa Filho (2009), legitima a autoridades de ambos, fato comum em programas de apresentação. Todos os artistas que passaram pelo Arte Nativa tinham estilo musical regional e nativista, com letras sempre enaltecendo a cidade e suas belezas. Todas as conversas durante o programa tinham um tom mais coloquial, de conversa entre amigos. Os artistas sempre bem à vontade, às vezes até sem camisa, mostravam sua rotina, suas inspirações e músicas. Os convidados do Arte Nativa puderam mostrar sua produção e exaltar as belezas da cidade. Mesmo que não intencionalmente, mas isso contribuiu para o reforço das marcas identitárias da cidade.

Por fim, a última categoria analisada foram os cenários apresentados nas edições que formam o corpus deste estudo. Todas as edições do Arte Nativa analisadas, exceto a do pianista Oliveira Júnior, foram gravadas em vários pontos da cidade, demonstrando os diversos espaços que compõem Imperatriz, ressaltando sempre os mais comuns, os lugares de referência, como já mencionado. Esses pontos comuns ficam evidentes na Tabela 1 que reúne os principais cenários do programa. São eles: o Rio Tocantins, a BR-010, praças, igrejas, riachos, teatro, calçadão e os bares.

Como forma de estabelecer esses laços de pertencimento e identificar os telespectadores com o que era veiculado no programa, o Arte Nativa, em vez de levar os artistas para um estúdio para apresentar seu trabalho, realizava as entrevistas em lugares

⁷ VALENTE, Margareth. Arquivista. Imperatriz. Entrevista concedida em 28 de novembro de 2013.

de referência para a comunidade local. As músicas eram apresentadas em forma de clipe em que a história cantada pelo autor era reforçada com as imagens de diversos pontos da cidade exaltados nas canções, fortalecendo ainda mais a noção de imperatrizense e de pertencimento a este lugar para os telespectadores, apresentando códigos, por meio das imagens, que os imperatrizenses reconhecem e mantendo os laços de pertencimento.

O programa Arte Nativa apresentou-se como um suporte de discursos que identificam Imperatriz por Imperatriz, como ressaltado por Bucci (2004), sendo uma prática significativa que produziu significados, representando e construindo sentidos que influenciaram as ações e as identidades dos moradores locais. Concordando com Hall (2006), são esses discursos que constroem/reforçam as identidades, pois os textos e as imagens apresentados no programa fazem sentido para a comunidade local, que compartilha dessas narrativas. Isso porque são essas interações sociais apresentadas no programa, entre apresentador, artistas, comunidade e lugares da cidade, que constituem as identidades de um lugar. Essa representação da cultura local atua, de acordo com Woodward (2007), na atribuição de sentido, composição do imaginário popular e a visão da comunidade sobre si.

6 Considerações Finais

A TV no Brasil surgiu oferecendo códigos de identificação para a comunidade local. Em Imperatriz, a televisão aparece quando a cidade inicia um processo de desenvolvimento urbano. E foi na representação da cultura e na promoção do senso de pertencimento, estabelecendo uma aliança entre os indivíduos e a comunidade, que a televisão atuou, e continua atuando, no processo de construção/reforço das identidades, oferecendo discursos que significam para os telespectadores, além de fazer deles sujeitos das práticas que ela apresenta.

Assim, percebe-se que o Programa Arte Nativa se configura como uma tentativa de representar a cultura de Imperatriz e os elementos de significação e identificação para o público local. Para isso apresentou os artistas da terra, com destaque para os cantores e compositores, projetando-os no cenário regional e, até nacional, para alguns. A presente pesquisa constatou que o programa Arte Nativa representou, com uma produção inovadora para a época, diversos elementos que compõem a identidade de Imperatriz.

O programa não criou uma identidade para a cidade, mas reforçou os elementos de identificação existentes, como a de um lugar marcado pela religiosidade, pela

diversidade étnica, ligada ao campo e ao mesmo tempo desenvolvimentista. Uma Imperatriz voltada para os encantos das belezas naturais, com destaque para o Rio Tocantins, além de ser um lugar de cultura ativa, com espaços para os artistas locais, que não são naturais de Imperatriz, mas que se mudaram para o novo lugar durante os diversos fluxos migratórios que a cidade vivenciou e se apaixonaram, encanto esse expresso nas canções, nos poemas e na produção dos artistas apresentados.

O programa também se aproveitou com propriedade dos recursos oferecidos pela televisão, como o de juntar textos e imagens para reforçar os discursos apresentados. Em cada edição, o Arte Nativa intercalava entrevista com apresentações dos artistas. Estas foram gravadas em diversos pontos da cidade, mostrando à comunidade as referências culturais de Imperatriz, além de dar visibilidade aos artistas locais. O programa configurou-se como um dispositivo por meio do qual os artistas exprimiram seus anseios, dúvidas, crenças, inquietações, produções e músicas que enalteciam as belezas e a gente de Imperatriz, configurando o programa como um elemento que contribuiu no reforço das identidades locais.

Portanto, o Arte Nativa, considerado um marco da produção cultural televisiva da cidade, foi um programa que, ao mesmo tempo divulgou os artistas da terra, representou os elementos da cultura de Imperatriz e contribuiu no processo de construção das identidades locais, configurando assim como um importante espaço na televisão de Imperatriz destinado à cultura imperatrizense. Foi o programa que projetou os maiores nomes da música popular imperatrizense, como Zeca Tocantins, Neném Bragança, Erasmo Dibell e Carlinhos Veloz. A cidade perdeu o Arte Nativa em 1989 e, hoje, carece de um programa destinado à cultura da terra para apresentar, assim como o Arte Nativa fez, os artistas locais, que não têm espaços na mídia de Imperatriz, pois não há um programa de rádio ou de televisão voltado para os artistas populares imperatrizenses.

Referências

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Imperatriz: memória e registro**. Imperatriz: Ética, 1996.

_____. **Eu, Imperatriz**. 2. ed. Imperatriz: AIL, 2012.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 360p.

- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Jinkingos, 1996.
- _____. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo. Paz e Terra: 1999. 530 p.
- CUCHE, Denys. **O conceito de cultura nas Ciências Sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126p.
- _____. In: SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 114p.
- FRANKLIN, Adalberto. **Imperatriz: história e economia**. In: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE IMPERATRIZ. **Perfil Imperatriz Maranhão: socioeconomia, história, geografia, demografia, gestão empresarial**. Imperatriz, 2011.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102p.
- _____. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspom. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia. BENETTI, Márcia (Org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE IMPERATRIZ. **Perfil Imperatriz Maranhão: socioeconomia, história, geografia, demografia, gestão empresarial**. Imperatriz, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010 – sinopse**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=21&dados=1>>. Acesso em: 2 set. 2013.
- KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugênio. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 117 p.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **Mídia Regional: gauchidade e formato televisual no Galpão Crioulo**. 2009. 236 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Comunicação. Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009. Disponível em:<

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=158176>. Acessado em 30 jul. 2013.

MOTA, Célia Maria dos Santos Ladeira. **Representação da identidade nacional da notícia da TV**. 2008. 329 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008. Disponível em:
<http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3752>. Acesso em: 30 jul. 2013.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 114p.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
_____. **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.7-73.